

RESUMO EXECUTIVO

Pauta: 6 E 7 DE MARÇO DE 2015 - A história das 10 mortes da região do Parque Santo Antônio, zona sul de São Paulo, contada em mais de uma lauda.

Instituição de ensino: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Alunos: Lucas Vicente Torres Martins, Marcelo Rodrigues Santos de Souza e Mateus Vasconcellos Nogueira Carvalho

Professora-orientadora: Denise C. Paiero

Mentor: Bruno Paes Manso

Conforme estabelecido pelo Prêmio, nos reunimos com a orientadora Denise Paiero e com o mentor Bruno Paes Manso ainda em junho estabelecer um plano de ação para a produção da reportagem. Com o auxílio de ambos pudemos avançar no direcionamento da matéria, na seleção das fontes e prazos para encerramento de etapas – esse planejamento nos auxiliou sobremaneira.

Apesar de ter contatado algumas entidades, conversado com alguns moradores e conhecido a região da chacina, tivemos alguma dificuldade nesta fase por conta da delicadeza do tema. A maioria das pessoas que se propunham a falar eram curiosos e tínhamos de tomar cuidado com este tipo de fonte, embora ouvíssemos todos.

Fontes que se predispuseram a entrar na reportagem tiraram o corpo fora ou disseram desconhecer o ocorrido, como o CRAVI.

Enfim, ligamos para um contato fornecido pelo Paes Manso, o Padre Jayme, conhecido de uma paróquia da região. Ele então nos esclareceu que não poderia nos ligar diretamente a vítimas e testemunhas do crime, mas lembrou-se que a Secretaria de Direitos Humanos de São Paulo fizera um trabalho à época da chacina – em apoio às vítimas.

Felizmente o caminho foi encurtado, afinal, um dos alunos era ex-estagiário do órgão municipal e conseguiria informações e fontes de forma menos burocrática. O contato inicial foi fácil e logo chegamos a Cláudio Aparecido da Silva, coordenador de políticas para a Juventude. Ele nos auxiliou em relação ao contato com “Alemão”, liderança política e social do Parque Santo Antônio.

Voltamos ao local da chacina para um encontro com Alemão. Tivemos uma longa conversa introdutória que precederia outras duas visitas, aí para entrevista-lo e chegar a vítimas e outras testemunhas do caso, como familiares e amigos das vítimas – os quais entrevistamos separadamente. No total, fizemos seis incursões.

O contato na Secretaria nos possibilitou chegar a outra ponta da apuração, o CONDEPE. Solícito, o conselheiro Luiz Carlos dos Santos nos recebeu em seu gabinete

O contato na Secretaria nos possibilitou chegar a outra ponta da apuração, o CONDEPE. Solícito, o conselheiro Luiz Carlos dos Santos nos recebeu em seu gabinete

e nos abriu alguns detalhes da investigação que desconhecíamos, e, além de um importante depoimento, nos ajudou a dar o próximo passo: entrar em contato com a Corregedoria da PM.

Além de ligarmos, fomos pessoalmente ao órgão, e então nos encaminharam ao Quartel General da PM. Lá encontramos o prestativo Major da PM Emerson Massera Ribeiro, Chefe da Divisão de Imprensa, que rapidamente se dispôs a ajudar e encaminhar o pedido à Corregedoria, que, segundo o Major, não respondera até 19 de setembro.

Munidos das informações obtidas durante as fases de apuração e pesquisa fizemos reuniões presenciais com a orientadora e com o mentor, a fim de batermos informações e pensarmos a parte prática, que teve início no fim de agosto e foi concluída na última semana de prazo.